

JALMIR DUAN CORREIA

ESCRITA CRIATIVA

PROFESSOR MARCIO MARKENDORF



FLORIANÓPOLIS

2016.2

APRESENTAÇÃO

Esta é uma seleção de textos e exercícios propostos na cadeira de Escrita Criativa entre agosto até dezembro de 2016. Vai em ordem cronológica os contos e o roteiro adicional de epidemia.

1. Anos 80
2. Narrativa Inversa
3. Intertextualidade / Quadro Edward Hopper
4. História visível e invisível
5. História de vingança
6. História de horror com alternância de espaços da criança e do monstro
7. Conto de fadas modelo Disney
8. O assalto em forma de roteiro
9. Microcontos
10. Roteiro de epidemia

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Todo fim de semana é assim..... | 01 |
| Problemas de uma adolescente velha..... | 02 |
| Perigoso Phillies..... | 04 |
| O alçapão de segredos do Sr Machal..... | 05 |
| Bicho bom é bicho calado..... | 06 |
| O Caboclo..... | 07 |
| Era uma vez...e foram felizes para sem..... | 09 |
| Detalhes do plano perfeito..... | 11 |
| Microcontos..... | 21 |
| A vila amaldiçoada..... | 23 |

TODO FIM DE SEMANA É ASSIM

Era uma tarde de sábado na casa de dona Carmen, moradora do movimentado bairro do amor no centro de São Paulo. A televisão está ligada e ela anda pela casa sem parar, sua respiração está ofegante e ela segura um copo com um líquido dentro. No noticiário o jornal mostra a queda do muro de Berlim. Um barulho de panela de pressão vem da cozinha. Em seguida, ouve o barulho da fechadura da porta do quarto se abrir. É Vinicius seu neto de 24 anos, órfão de pai e mãe que acorda e vai em direção a sala usando apenas uma cueca do John Lennon. Ela está parada e olha para Vinicius que a cumprimenta com um bom dia.

—Bom dia nada, que cheiro de cachaça, e porque você está de cueca na sala Vinicius?

—Claro vó, a senhora já percebeu a quantidade de calor que faz dentro daquele quarto?

—Está calor, compre um ventilador, ué!

Ele não responde, levanta do sofá e vai em direção a estante, pega uma fita, coloca em um vídeo cassete cinza e vai na direção do quarto.

— O que você está fazendo, não vê que estou assistindo jornal?

Carmen se aproxima da televisão, agora com a voz mais elevada ela retira a fita cassete e desliga o aparelho. Os dois se olham e nada falam. No fundo a televisão passa uma propaganda do programa da xuxa. Carmen continua olhando fixamente para ele, aponta o dedo em sua direção e grita.

— Eu não disse pra você não pegar meu carro?... Se quer sair com seus amigos delinquentes para ouvir aquelas músicas do demônio e não ter hora pra voltar tudo bem, mas não use meu uno está entendido?

seus olhos brilhavam enquanto ela discursava mais motivos para ele não usar seu carro. Ela falou por um longo tempo até uma voz feminina gritar dentro do quarto.

—Vinicius!

—Vinicius? Vinicius...pelo amor de Deus Vinicius me diz que eu não ouvi isso.

Com o rosto visivelmente perturbado e as mãos tremendo vovó Carmen lentamente se senta no sofá da sala enquanto seu neto entra no quarto trancando a porta com a fechadura.

Do lado do sofá em uma mesinha de cabeceira, sozinho coberto com um pano bordado o telefone de cor bege descansa silenciosamente. Carmen olha o aparelho, volta a sentar no sofá, retira seu paninho rapidamente e começa a apertar alguns números. Do outro lado sua melhor amiga, a Carmó atende e começa conversar. Falando alto ela diz que o neto trouxe um brotinho para dormir em sua casa.

— Ele agora traz pessoas para dormir aqui em casa, não tem respeito para comigo, eu sou uma idosa, não quero essa safadeza em minha casa.

Continuou falando por um tempo e se despediu desligando o telefone. Seu neto aparece, está acompanhado de uma mocinha bem magrinha que aparenta seus 16 anos, com cabelos curtos e mãos finas e brancas, seus traços são delicados e sua boca pequena e vermelha como uma cereja. Ela usa uma calça jeans, jaqueta jeans, tênis Nike e um fone de ouvido com um fio enorme até a cintura onde tinha grudado na calça um walkman. O casal transita pela sala sem olhar para dona Carmen, eles andam em direção a porta de saída. Ela segura o telefone com a mão direita e segue os dois com os olhos, sua boca não se mexe, apenas o barulho da panela de pressão predomina na casa. Na porta, Vinícius olha para trás e diz

— Vou levar a Marina de volta para a casa da vó dela e antes que a senhora saia falando coisas, eu e ela somos só amigos, ela dormiu aqui porque estava tarde para ela voltar para sua casa sozinha ontem a noite. Volto daqui a pouco.

Carmen pega novamente o telefone e disca.

— Alô Carmó, sabe onde sua neta Mariana passou essa noite?

PROBLEMAS DE UMA ADOLESCENTE VELHA

O despertador toca em um quarto e logo é desligado. Lúcia levanta da cama e vai até o banheiro, toma banho, escova os dentes, troca de roupas e vai até a cozinha da casa. É uma casa de classe média em um bairro afastado do centro da cidade.

- Bom dia mãe, bom dia família.
- Atrasada.
- Como atrasada, eu acordei rápido, já estou pronta só vou tomar café e...
- Não vai tomar café Lucia, estamos de saída.
- Mas mãe eu...
- Estamos de saída.
- Maldita vida.
- Oque você disse?
- Nada, vamos.
- Acho bom velhinha!

As duas saem apressadamente da casa em um carro azul e vão em direção a cidade. No caminho mais reclamação de Lucia se queixando que não gosta das aulas de nataçãõ. Sua mãe fingindo que não está escutando continua dirigindo até chegar à escola.

- Mãe, sobre a nataçãõ o'que vai fazer?
- Lúcia, porque você reclama de tudo filha? A nataçãõ é para o seu bem, faz bem para os ossos e você sabe que tem os ossos fracos por causa da idade, precisa treinar.
- Não gosto do instrutor, ele me força demais
- Isso é bom.
- Verônicaaaaaa.

- Não fale assim comigo, sou sua mãe, eu mando, tchau.

Verônica se despede de Lúcia e vai para o trabalho. Na escola Lúcia conversa com suas amigas e combinam uma trilha no final de semana, a aula começa e o instrutor exagera nos exercícios. O instrutor é um rapaz novo com aparência saudável.

- Precisa levar mais a sério a natação Lucia, ficar menos de conversa com as irmãs Calil e focar nos exercícios.
- Não gosto dos exercícios professor, só faço isso porque minha mãe me obriga, ela que devia fazer exercícios, está gorda só anda de carro.
- Quantos anos tem sua mãe filha?
- Acho que fez 13 anos professor.
- E você, quantos anos tem?
- Eu...eu tenho...tenho 48 anos professor
- Viu Lúcia, porque você acha que sua filha precisa de exercícios, você que precisa treinar seu corpo, ela é nova, sua mãe tem muito ainda.
- Semana que vem quero você focada está bem? Boa semana.
- Tchau professor.

Em casa a noite Verônica fica sabendo dos plano de sua filha fazer trilha com as irmãs Calil no final de semana e proibe ela de sair.

- É muito perigoso, e se você torcer seu pé, você não é mais nova, não tem a minha idade filha. Eu disse que não.
- Gostava mais quando você ainda não falava e nem andava.
- Oque você disse velhinha? Está de castigo, sem televisão esse fim de semana.
- Você não pode fazer isso...
- Eu posso sim, é assim que as coisas funcionam nesse mundo, quando eu comecei a falar e a andar eu que mando na sua vida. Quis me ter, agora aguente velhinha.
- Ainda dá tempo.

- Ainda dá tempo de que? Vai para sua cama dormir, amanhã vai acordar cedo para assistir As Aventuras de Cavendish comigo!
- Tchal
- Boa noite.



PERIGOSO PHILLIES

Era uma sexta feira negra. Passava das onze horas da noite naquela rua já deserta. Todas as lojas fechadas, sem som, nem um animal na rua, causava um ar de cemitério. Os postes com baixa luminosidade, talvez a prefeitura pudesse estar economizado na conta de luz naquele bairro feio. Centro é um bairro muito feio. De dia com a luz do sol ele ganha vida, a cores nas lojas, os animais gritando, as pessoas, milhares de pessoas, comércio, é algo lindo. Mas é a noite que as trevas parece tomar conta de New York. E foi nessa noite de sexta feira que eu me deparei com eles, uma dupla de... um homem e uma mulher não tinham nomes, eram apenas um casal normal tarde da noite na lanchonete do Phillies. Adoro a comida do Phillies. O homem bem vestido com paletó azul marinho e chapéu cinza parado olhando para a copa e aquela mulher, ruiva de cor branca vestindo um vestido vermelho, batons vermelhos e um rosto pálido. Quando eu os vi pude sentir uma

enorme solidão. Olhando do lado de fora naquela noite fria, os grandes vidros mostravam aquele casal, sentado de costas para os grandes vidros que separam a rua fria do quentinho lá dentro. O velho Bob Phillies reclamando sobre tudo e todos enquanto lavava alguns copos. Deve ser por isso que ali vivem tão vazios, parece que a solidão mora naquele lugar.

De repente meus pelos se arrepiaram, eu me escondi entre duas latas de lixo em vão, logo fui encontrado. Instintivamente tentei fugir. Ele me apanhou, Perdi.

Mas não iria perder sem causar perdas a ele, arregalei meus grandes olhos e abri minha boca seca, mostrei meus dentes, aqueles que ainda sobraram de outras lutas, era tudo ou nada. Por trás como eu devia ter previsto ele me acertou por trás. Fui tomado por uma força que me dominou por inteiro, a força de um abraço, fui ao chão. Torci para que nem um dos meus companheiros estivessem assistindo essa cena deprimente. Aqui nas ruas do centro sou conhecido pelo pseudônimo de Topada, pois não tenho uma boa vista e sempre sou atropelado ou tropeço nas coisas. Pois bem, aquele homem me bateu e atravessou a rua sem dizer uma palavra, entrou e sentou também de costas. A lanchonete estava movimentada aquela noite, eram três clientes, estava ficando perigoso ficar esperando o Phillies fechar para revirar o lixo e conseguir um jantar. Fiquei observando da esquina, deitado tentando descobrir quem era o homem que acabara de me bater, não pude ver o rosto daquele infeliz. Cansado, Dormi !

O ALÇAPÃO DE SEGREDOS DO SR MACHAL

Eram tempos difíceis, segunda guerra mundial, a Alemanha nazista dominava a Europa com poder de fogo. Eu como muitos outros era judeu e morava em um bairro judeu no subúrbio de Paris com meus pais. Uma noite meu pai escutou no rádio que todos os judeus deveriam ser deportados de suas terras para fora do eixo. Eu comecei a chorar e arrumamos as malas. Ainda em casa, de manhã, tomando café antes de ir para a plataforma de trem, soldados invadiram nossa rua e atiraram contra as pessoas. Podíamos ver tudo da janela. Meus pais me esconderam na casa do nosso vizinho, o senhor Machala, advogado e árabe, a gente não gostava muito dele mas era a última coisa que meus pais podiam fazer. Foi a última vez que vi minha mãe Adela e meu pai Abba.

No esconderijo dentro do alçapão na casa de Machala fomos maltratadas, pelo menos no início Sr Machala ainda guardava raiva de meus pais, eles não se davam muito bem.

Os dias foram passando e mais crianças chegando a ponto de faltar espaço dentro do alçapão. Sr Machala passou de árabe malvado para o nosso árabe bonzinho e até deixou que usássemos as dependências de sua casa na parte do dia sem que ninguém nos visse.

A única parte da casa proibida era o quarto dele, lugar sempre trancado. Éramos muito curiosos e queríamos descobrir o que ele guardava de valor dentro desse lugar proibido.

Uma manhã o árabe bonzinho saiu para comprar comida e esqueceu o quarto aberto.

Entramos e não tinha nada de especial, apenas algumas coisas velhas, fotos e um cheiro de mofo. Todas as manhãs ele saía para ir até o mercado comprar comida e só voltava de tarde. Naquele dia ele chegou sem as compras e nervoso, foi direto para seu quarto e se trancou. Nós como de costume voltamos para o alçapão e ficamos lá esperando. Demorou a comida não chegou e eu fui ver o que estava acontecendo. Cheguei no primeiro andar da casa devagar, pé de dança, sem fazer barulho. Andei pelo corredor até a porta de seu quarto onde coloquei meus olhos por entre a fechadura. Meus Deus eu não podia acreditar naquilo, Sr Machala não era advogado ele tinha mentido para a gente esse tempo todo.

Voltei correndo até o pessoal e contei tudo. Na mesma noite ele veio com a comida e fizemos uma armadilha para prender ele. Depois de amarrá-lo e acusá-lo ele nos contou que não era advogado e que ganhava o dinheiro para a nossa comida dançando no teatro do mercado todos os dias na hora do almoço e que por isso ele demorava a voltar. E que se escondia no quarto para ensaiar a dança em segredo pois tinha vergonha de nos contar.

Então tiramos as amarras dele com a condição de ele não nos entregar para os Nazistas em troca ajudaríamos ele nos ensaios na casa. Ele aceitou e como agradecimento fez do nosso tempo escondido mais agradável. Fim.

BICHO BOM É BICHO CALADO

Acordei em casa. Uma casa pequena com três cômodos, o reboco das paredes está caindo assim como a tinta e o telhado. Minha cama quebrada com lençóis velhos e sujos de sangue me cobrindo. Um barulho de latidos na parte de fora me incomodava, foi olhar a hora, eram oito horas da manhã, quem acorda tão cedo, ninguém acorda tão cedo.

Fui até o banheiro, no caminho mais barulho de latidos, achei uma garrafa de vodka pela metade, tomei um gole e voltei para cama. Fechei meus olhos, fazia um calor muito forte, o tempo estava abafado e eu pobre não tinha um ventilador. Tive que me virar pelada.

Mal pego no sono e já acordei outra vez, os latidos daquele animal me incomodam.

- Au au au...

Eu vou matar esse cachorro se ele não parar de latir, estou na minha casa. Me levanto com pressa, a garrafa de vodka está no pé da cama e eu a derrubo com meu pé. Não percebo o acidente e me dirijo até a janela do banheiro onde posso ver o terreno do meu vizinho. Lá estava ele, aquele animal, deve estar com fome só pode, latindo tão alto, já são onze da manhã, se ele parasse agora eu poderia dormir até às seis da tarde e ir no forró do Arantes.

- Animal do demônio, cale a boca, eu quero dormir seu monstro!

Ninguém apareceu, ele devia estar sozinho e sem comida, como eu imaginei. Voltei até a minha cama e vi a garrafa virada, metade da cachaça no chão, quis morrer era a bebida que eu levaria para o forró mais a noite. Peguei aquela garrafa e atirei pela janela em direção ao cachorro. Não acertei mas passou raspando a cabeça do animal. Me sentia ainda bêbada da noite anterior e pulei o muro para pegar a garrafa de volta. Só percebi que estava pelada quando já estava do outro lado da cerca. O cachorro me atacou, ele devia achar que eu era seu almoço. Tropeçando no chão, corri até a garrafa e antes que ele pudesse pular em cima eu acertei uma garrafada em seu crânio. A besta caiu no mesmo momento. Eu era uma assassina. Larguei a garrafa em cima do animal e corri até meu barraco. Ainda bem que sei me virar sozinha. Peguei uma pá e voltei para a cena do crime, ali mesmo faria um buraco e enterraria minha vítima, mas ficaria o rastro então mudei de idéia. Voltei para meu terreno com o cachorro e a garrafa de cachaça ainda com sangue e com a metade cheia. No meu terreno eu cavei, dei um gole de vodka para o santo e enterrei o cachorro junto do meu segredo. Agora é só partir para a noite com o que sobrou da bebida.

O CABOCLO

Em uma casa de campo em meio a floresta, Luana e Vitória estão acordadas debaixo de suas cobertas tarde da noite. Elas têm uma lamparina e estão lendo um livro sobre lendas da floresta no capítulo do Caboclo. Lá fora chove muito forte com barulho de trovões e raios a todo tempo. O capítulo sete diz que o Caboclo é um ser místico da floresta com a cor da sua pele negra e o tamanho de um anão. Diz ainda que ele costuma a sequestrar crianças e que em nem uma circunstância deveria pronunciar o nome dele por três vezes consecutivas.

Luana se assusta e pede para sua irmã fechar o livro pois ela esta com medo e deseja dormir, mas sua irmã não a ouve e continua a ler.

Perto dali as árvores da floresta são chacoalhadas com os ventos fortes e a chuva, mas alguma coisa corre pela floresta em direção a casa e se esconde no celeiro.

No quarto as irmãs continuam lendo até que Luana decidi que esta com sede e vai até a cozinha no cômodo inferir. Abre a porta do quarto e entra no corredor, não se ouve nada, tudo quieto, nem parece que uma tempestade devasta o mundo lá fora. Ela anda pelo corredor, a cada passo um barulho a incomoda e ela olha para as paredes em busca de algo iluminando o caminho com a lamparina até a sala onde ela ouve barulho de telhas. Lá fora um bicho foge desesperadamente de alguma coisa que o persegue pelo telhado até o outro lado da casa. O bicho pula do alto da casa e some no mato enquanto algo o observa.

Luana bebe a água na cozinha olhando para a janela acima da pia onde pode ver várias sombras terríveis da noite. Um raio cai lá fora e ilumina algo negro na janela e ela grita deixando cair a xícara com a água e fechando os olhos. Quando ela retira suas mãos dos olhos lentamente, seu rosto está soando e ela corre com a lamparina para o quarto. Chama o nome de sua irmã soluçando.

- Vi...tó... tó... tória ?

Sua irmã sai debaixo das cobertas, olha Luana visivelmente abalada e fala com ela assustada.

- O que foi Luana, o'que você viu, oque aconteceu lá em baixo? Fale logo...

- Eu vi um monstro, o Caboclo está aqui em nossa casa e a culpa é sua!

As duas discutem e Luana ameaça acordar os pais que dormem no quarto ao lado. Sua irmã diz que está tudo na cabeça dela e que Caboclo não existe. Insatisfeita e brava ela tenta pegar o livro e não consegue e sua irmã brava com a situação começa a falar em voz alta o nome proibido.

- O caboclo.

Lá fora um bicho corre pelo telhado e começa a descer até uma janela que não está fechada por dentro, abre e entra casa adentro pela escuridão.

- Não Vitória, por favor para.
- O caboclo.

Alguma coisa se movimenta rapidamente dentro da casa.

- Eu vou gritar, eu vou chamar a mamãe se você não parar.
- O Caboclo.

Silêncio. As duas garotas ficam paralisadas, não respiram, apenas seus olhos se movimentam olhando para todos os cantos do quarto e para a janela. Nada acontece, silêncio na casa e agora fora da casa a chuva parou. Assustadas as duas deitão na cama juntas, sem falar nada elas jogam o livro no chão e desligam a lamparina fecham os olhos para dormir. Silêncio.

- Toc Toc Toc

A porta do quarto faz um barulho familiar, mas não pode ser a mãe das garotas, ela sempre toca quatro vezes e dessa vez foram três batidas secas e parou.

- Mãe é você? Não brinca com a gente, estamos dormindo.

Do outro lado da porta algo mais baixo que a fechadura observa a porta e olha para o teto. Vitória levanta e vai em direção a porta enquanto sua irmã continua debaixo das cobertas olhando por um buraco no pano. Ela se aproxima lentamente da porta e ouve a mesma batida novamente. Ela abre a porta com tudo. Não tem nada lá, só a escuridão daquele corredor esquisito. Ela olha para trás e fala o nome da irmã, diz que tem alguma coisa na escuridão mas não sabe o'que é. Anda em direção ao corredor sem a lamparina e some. Luana levanta da cama chamando sua irmã em voz baixa, pega a lamparina e acende. Algo está embaixo da cama, ela se abaixa e olha. Na escuridão dois olhos se abrem brilhantes.

- Você me chamou?

Ela tenta gritar mas o Caboclo a puxa para debaixo da cama.

ERA UMA VEZ ...E FORAM FELIZES PARA SEMPRE

Era uma vez um rapaz negro muito pobre que trabalhava como caçador de animais selvagens e prestava serviços para a pequena vila. Seu nome era Magno e ele mora fora da vila em uma cabana que ele mesmo construiu em cima de uma árvore muito muito alta.

Magno, apesar de viver solitário naquela cabana em meio a floresta não se sentia só e compartilhava tudo que tinha com os animais. Um dia ele foi chamado tarde da noite em sua cabana para prestar um serviço para um fidalgo muito rico. Era de madrugada quando o empregado desse homem rico o chamou. Ele foi até a casa desse homem.

Era uma casa muito grande com duas torres, muitas janelas, toda iluminada a altas horas da madrugada. Lá chegando, ele foi logo levado até o quarto da filha do homem. Na porta, muitos homens apavorados com o que viam, um dragão eles gritavam, vamos matar. O animal estava assustado e trancava a passagem para o quarto onde estava a filha do dono da propriedade, a jovem Lua. O homem da propriedade prometeu entregar para o caçador qualquer coisa que estivesse a seu alcance e assim ele iniciou os preparativos. Entrou e com ajuda dos empregados da casa conseguiu capturar o dragão e prender ele na parte de fora do casarão.

Ainda na madrugada e encantado com a beleza da jovem donzela que acabara de salvar ele foi e pediu a mão da moça em casamento para o seu pai.

- Como ousa seu bicho do mato, pedir a mão da minha filha, eu deveria te amarrar e mandar te chicotear. Agora vá embora, você não é ninguém, não tem terras não tem título, vá embora e leve aquele monstro com você. Para você ter a mão de minha filha você tem que nascer como príncipe, coisa que você nunca será. Adeus!

Magno saiu da casa muito humilhado, além de prestar aquele serviço de madrugada ainda não recebeu nem um pagamento mínimo em comida. No caminho levando dragão, caminhando pela escuridão do mato e falando sozinho ele ouviu uma voz.

- Quem está aí? Eu estou armado, tenho uma faca, fale logo...

Era o dragão que começou a falar e se apresentou para Magno.

- Desculpe meu amigo só falar agora, tive medo que aquelas pessoas se encantarem com meu dom e me aprisionaram em algum lugar terrível. Meu nome é Mózil e você salvou a minha vida, muito obrigado.

Mózil continuou a falar por um longo tempo e disse que vinha de um reino chamado, reino dos dragões de komodo no qual ele era rei. Explicou que havia se perdido de sua comitiva e que se ele o ajudasse a voltar para seu reino mágico ele o daria um presente. E assim foi feito, o caçador ajudou Mózil a achar seu objeto mágico que permitia abrir uma passagem para o reino e ele estava perdido em meio o lago da casa grande.

De início Magno se negou a voltar até a casa que tinha acabado de ser duramente humilhado, mas por amor a Lua ele voltou. Mózil explicou que se não conseguisse voltar para sua terra ainda aquela noite não conseguiria voltar mais pois o objeto desapareceria para sempre.

Chegando no lago depois de passarem despercebidos pelo casarão, procuraram até que O jovem rapaz viu algo brilhante na água, algo dourado. Era um bracelete de ouro todo cravejado em diamantes. A felicidade do rei foi intensa mas rápida, logo ambos estavam partindo com a ajuda do bracelete mágico para a terra dos dragões de komodo.

FORam recebidos com muita festa e foi decretado três dias de feriado no reino. Muitos goles de hidro vinho foram tomados até que chegou o grande dia de receber o grande presente das mãos do rei como forma de agradecimento pelo gesto de salvar a vida do poderoso.

Foi em meio a multidão de dragões de komodo que o rei iniciou seu discurso.

- Como todos sabem sou o rei mais poderoso desse reino mágico, mas não tenho filhos, não tenho herdeiros. Esse rapaz humano demonstrou ter muita honra e coragem ao me salvar e me ajudar a retornar a salvo para casa. Quero agradecer a ele lhe oferecendo um presente. Senhor Magno, espero que esteja cansado daquela vida exaustiva e humilhante que vivia naquela terra, vida de exclusão e constantes humilhações. Gostaria de aceitar seu meu filho e assim ser meu herdeiro para o trono do reino dos dragões de komodo sendo assim o príncipe Magno primeiro ?

Paralisado de pé Magno se pôs a chorar e emocionado aceitou a oferta. Agora como príncipe ele ganhava o bracelete mágico que permitia transitar entre os dois mundos.

Assim ele não perdeu tempo, arrumou uma comitiva real e voltou até o casarão. Lá chegando foi recebido pelo pai de Lua que ao ver tamanha riqueza foi logo oferecendo sua filha para casar com o príncipe.

- O senhor não está me reconhecendo, quando apareci aqui pela ultima vez eu era um pobre, negro e sujo homem da floresta que caçava animais que invadiam casas para sobreviver, hoje sou um príncipe.

O homem muito emocionado pediu desculpas e disse que não acreditava que ele tinha conseguido se tornar um príncipe e jurou nunca mais o humilhar. O príncipe Magno se casou com a jovem Lua e viveram felizes para sempre.

DETALHES DO PLANO PERFEITO

CENA 01. EXT. PRAIA. DIA

PLANO SEQÜÊNCIA:

CÂMERA NO CÉU, ABAIXA E ENQUADRA A PRAIA. A CÂMERA DESCE E COMEÇA A PASSEAR NA PRAIA, ANDA ENTRE PESSOAS CONVERSANDO, COMENDO, BRIGANDO. A CÂMERA PARA DE FRENTE PARA TRÊS HOMENS VELHOS SENTADOS A UMA MESA. PEIXE PEQUENO, MARCELO, 58 ANOS TEM O CORPO ATLÉTICO E DOURADO, ELE É LATINO, USA UM CABELO BLACK POWER, ESTÁ SENTADO USANDO UMA SUNGA VERMELHA. ADAR, VELHO COM UMA BARBA CINZA, 68 ANOS, USA ROUPAS BRANCAS FEITAS DE PANO DE DE SACO, A CAMISA RASGADA NA BARRIGA MOSTRA UMA TATTOO DE UMA MEIA LUA.

TONI BALA, O HOMEM MAIS NOVO DE QUASE 50 ANOS, COM ROUPAS DE ADOLESCENTE, UM BRONZEAMENTO MAL FEITO QUE DEIXOU A MARCA DE UM ANEL NA MÃO ESQUERDA, DE ÓCULOS ESCURO TEM MUITAS CORRENTES DOURADAS POR TODO O CORPO.

PEIXE PEQUENO

Cara, porque não nos reunimos na igreja? Esse lugar aqui é horrível.

NINGUÉM SE MEXE.

PEIXE PEQUENO

Cara, eu to falando, cadê a comida, cade a musica boa? Isso aqui é o inferno cara.

TONY BALA E ADAR OLHAM PARA O LADO.

PEIXE PEQUENO

Eu to com fome, não dá pra esperar mais, eu vou ter que ir..

TONI BALA

Calma rapaz, guenta aí, pede um petisco pede alguma coisa pra beber.

OLHA PARA MOÇAS JOGANDO BOLA NA PRAIA.

Papai já está chegando!

O GAROTO NERVOSO OLHA PARA O
VELHO ADAR QUE FICA PERPLEXO. .

ADAR
(COÇANDO A BARBA)

Marcelo, acalme -se, ele já deve estar chegando, lembra o que ele disse hoje de manhã no telefone?

MARCELO

Não consigo pensar, calma. Eu acho que...

TONI BALA
(GRITANDO)

Aíííííííííííí'!!!!!!!!!!!!!! Caralhoouooooo...

ADAR E PEIXE PEQUENO SE JOGAM NO CHÃO.

Uma cobra me mordeu, me ajuda, rápido Adar me ajude.

EMBAIXO DA MESA, ADAR E PEIXE PEQUENO OLHAM FIXOS PARA O SIRI QUE ACABA DE MACHUCAR TONI. OS DOIS SE OLHAM.

TONI
(ASSUSTADO)

Ei, olhem aqui.

TONI OLHA ABAIXO DA MESA.

Mas o que...

ADAR, PEIXE PEQUENO
(COM OLHOS ESTUFADOS)

Psiu.

OS TRÊS SE OLHAM ENQUANTO ADAR FAZ SINAL PARA TONI OLHAR PARA A AREIA. ELE OLHA O SIRI. O SIRI É AMARELO COM TONS BRANCOS. TÍPICO SIRI DAS PRAIAS. ALTERNAMOS IMAGENS DO SIRI PARALISADO COM A TENTATIVA DE CAPTURAR O SIRI. TONI ABRE AS MÃOS E MANTÉM SEUS OLHOS FIXOS NO SIRI.

ADAR ESTÁ SUANDO COM SUAS MÃOS TRÊMULAS ELE OLHA PARA SAMUEL E PARA O SIRI. O SIRI CONTINUA PARADO, SEUS OLHOS SE MEXEM.

A TOCA DO SIRI ESTÁ A MENOS DE UM METRO. O SIRI PERMANECE IMÓVEL.

TONI

(IMPACIENTE)

Vocês vão atacar? O momento é agora. Adar...Peixe pequeno? Vamos gente, ele vai fugir!

OS TRÊS SE OLHAM NOVAMENTE E LANÇAM UM ATAQUE RÁPIDO EM CIMA DO POBRE BICHO. O SIRI CONSEGUE ESCAPAR. OMAR CHEGA.

OMAR

Convidei vocês para tratar de negócios e não para tomar sol e brincar de caçar siri..

TODOS NO CHÃO, OLHANDO PARA CIMA.

E você Adar, pensei que era mais sério, brincando de pegar siri, nem a sua neta faz isso!

ADAR, COM A BARBA SUJA DE AREIA E
SOANDO PARECE SENTIR VERGONHA.

Vamos, levantem, rápido, não temos tempo. Tenho cinco minutos para
falar e já volto para casa.

TODOS SENTADOS.

OMAR

Toni você conseguiu o cara?

TONI

O que? Qual cara? você não...

OMAR

Está bem Toni. Já entendi. Alguém conhece alguém que trabalhe na
central de energia aqui da cidade?

PEIXE PEQUENO

Energia, eu não sei mas acho que o Fernando que estudava comigo é
eletricista. Ele pode ajudar pai...

OMAR

Precisamos desse cara. Vai faltar um homem, agradeçam o Sr Bala
aqui...

TONI

Eu não sabia tá legal. Não coloque tudo sobre meus ombros...

OMAR

Só pedi uma coisa Toni, uma coisa para você, achar alguém que
trabalhe na maldita Eletrobrás. Agora todos vamos ter que procurar
esse cara. Vamos perder dias ou semanas nisso, sabe oque isso

significa...não vai dar certo. Pra entrar na loja do Judeu e pegar
aquele dinheiro tem que estar escuro.

ADAR

Vai falar com o Cabum?

TODOS PARAM DE FALAR.

TONI

O que? Vocês estão malucos, estão querendo
morrer antes dos 70? Eu fiz minha escolha, eu escolho viver!

PEIXE PEQUENO

Melhor ir você falar com ele Toni, foi você que esqueceu de fazer
o que o pai pediu, vai você lá.

TONI E MARCELO DISCUTEM.

OMAR

(OLHANDO PARA TODOS, PARA E FICA OLHANDO O ADAR)

Se alguma coisa der errada, lembre que eu pedi para o
Toni.

TONI

Fé em Deus.

PEIXE PEQUENO

(BRAVO)

Que Deus nos ajude.

A CÂMERA ABRE DEIXANDO VER O PÔR DO SOL.

CENA 02. INT. CIRCO. NOITE.

CÂMERA ALTA, PLANO GERAL DENTRO DE UM CIRCO EM PLENA ATIVIDADE. CENTENAS DE PESSOAS ASSISTEM AOS SHOWS. NO PICADEIRO O PALHAÇO BRINCA E FAZ AS CRIANÇAS RIREM. O PICADEIRO É COLORIDO, O PALHAÇO SORRI. A CÂMERA SE APROXIMA DO PALHAÇO, ELE ESTÁ MOLHADO E SUA RESPIRAÇÃO É OFEGANTE. CORTA PARA O CANTO DA PLATÉIA, OMAR.

PALHAÇO
(GRITANDO)

Eu vou matar vocês!

A PLATÉIA SORRI, E ELE APONTA UMA ESPADA DE BRINQUEDO.

Infiéis, todos vocês...

O SHOW ACABA, TODOS ESTÃO SAINDO DO CIRCO.
NO CAMARIM O PALHAÇO GRITA E LANÇA COISAS NAS PAREDES.

PALHAÇO

CADA PALAVRA QUE PRONUNCIA UM OBJETO É LANÇADO.

Eu...odeio...essa...vida!!!!

BARULHO NA PORTA

Toc toc toc

PALHAÇO

ai para o inferno!!!!

(SILÊNCIO)

Quem é?
(FAZ UMA CARA DE MALUCO)

O TRINCO SE MEXE MAS O PALHAÇO SEGURA A PORTA.

Eu perguntei, quem é?

OMAR

Márcio, sou eu filho, seu pai. Deixe eu entrar na sua casa, abra a porta.

MÁRCIO

(MAIS MALUCO E PARANÓICO)

Deus...é o senhor meu pai? O'Que queres nesta humilde casa ó grande homem ?

OMAR

(CONFUSO)

É você mesmo Márcio? Eu sei que é você, eu estava assistindo sua apresentação...

MÁRCIO

(FECHA OS OLHOS E APERTA OS DENTES)

...abra a porta.

OMAR

(BAIXA A CABEÇA E SÉRIO DIZ)

Aqui é Deus, Márcio, abra a porta que tenho um presente para você, é um...

A PORTA SE ABRE E FÁBIO ESTÁ SORRINDO COM OS OLHOS GRANDES E BRAÇOS ABERTOS. AMBOS SE OLHAM, O PALHAÇO FAZ SINAL E OMAR ENTRA. DENTRO DO CAMARIM, MUITAS COISAS JOGADAS NO CHÃO, OMAR COLOCA A MÃO NO NARIZ. A PORTA SE FECHA, É POSSÍVEL VER DUAS PISTOLAS PENDURADAS NO CABIDE EM FORMA DE CAMINHÃO.

MÁRCIO

É sempre bom ter uns brinquedinhos por perto, nunca se sabe quando Deus vai estar usar o banheiro muitas coisas podem acontecer, alguém pode tentar roubar minha casa, me roubar...ou...querer me assassinar.

OMAR

Não estou aqui para seus joguinhos. Preciso saber como desligo a luz da cidade por uma hora.

MÁRCIO

Não sei.

OMAR

Você é engenheiro, sabe sim. Está aqui nesse lixo porque gosta do lixo, você cheira a lixo, seu trabalho é um lixo, você come lixo, você...

MÁRCIO

(ENOJADO)

Okay, pare.

OMAR

Sabe de uma coisa, se você me ajudar eu...eu não, Deus vai te presentear com um camarim novo, todo equipado...

MÁRCIO

Completo?

OMAR

Completíssimo. Com tudo que um filho de Deus tem direito, uma carreta para puxar a sua casa e mais um dinheiro, você merece!

UM SORRISO MALICIOSO SE FORMOU NA CARA DE AMBOS.

MÁRCIO SEGURANDO AS DUAS MÃOS, COMO SE FOSSE REZAR.

Diga, quem eu tenho que matar?

CENA 03 INT. IGREJA. MADRUGADA

OMAR

(TRISTE)

Eu pequei...eu pequei outra vez. Fui ver aquele que eu abandonei no passado, e o pior, para pedir um favor, e ele aceitou.

SILÊNCIO

Ele...bom...

Não confio nele, está tão diferente do irmão Márcio de antes, ele...

(OMAR)

Tudo na vida é uma oportunidade Omar. Porque não aproveita para se reconciliar com seu irmão? Ele precisa de seus conselhos, e no fundo ele gosta de você.

OMAR

(RINDO)

Ele me odeia, eu vi isso em seus olhos. Não é culpa minha ele ter essa vida, não pode ser culpa minha.

VOZ AUMENTANDO

Tantas vezes eu avisei a ele para parar com aquilo, e ele não me ouviu, e no fim perdeu tudo. A família os amigos, até o emprego, tudo por causa daquela mulher depravada!

ADAR

(BRAVO)

Aqui é a casa de Deus, não fale...

OMAR

Mas Adar...

ADAR

Não me chame de...

OMAR

Okay, okay, okay, okay. Agora eu já fiz. Ele que vai apagar a luz. Se ele fizer isso certo eu ajudo ele. Esse trabalho é muito importante para os nossos planos...

ADAR

Omar...

OMAR

Não sei se fiz a coisa certa em ir lá...

ADAR

Talvez...

OMAR

Agora só posso rezar e acreditar que tudo vai acontecer como
queremos.

ADAR

Eu possa...

OMAR

(OLHANDO O RELÓGIO)

Tenho que ir. Amanhã começa. Boa noite.

OMAR SAI DE UMA SACRISTIA DENTRO DE UMA IGREJA CATÓLICA. ELE ANDA
SEM OLHAR PARA TRÁS. ADAR CONTINUA DENTRO DA CAIXA.

MICROCONTOS

Ninguém estranhou quando as pontes caíram e a ilha ficou isolada do continente. Era inverno e a névoa cobria as duas únicas pontes que ligavam o mundo exterior. Crianças não eram autorizadas a se aproximar de lá no inverno que durava três meses. Alguns moradores já não saiam daquele pedaço de terra a anos, gostavam do isolamento e odiavam turistas. As pessoas não comentavam sobre quem vivia do outro lado da ponte.

Eu moro dentro de uma baleia, aqui dentro tudo é escuro e grande.

Eu moro dentro de uma Jibóia. Aqui dentro tudo é escuro e apertado. Não sei como vim parar aqui e não bem ao certo onde fica aqui.

DESCREVA O OBJETO - FOGUETE

Quase morro. Aqui dentro é apertado, mas o teto é alto e redondo. É meu desconfortável não saber se está flutuando ou em terra. Às vezes tudo treme e me dá um frio na barriga. Tem espelhos mas não consigo ver o que tem depois do meu reflexo. Não escuto nada que vem do lado de fora, apesar de parecer ser feito de plástico essa casa é muito resistente. Já tentei fugir diversas vezes!

O SUICÍDIO DE EVELYN McHALE 1947

Deitada sobre o aço, quase se fundindo a máquina, seu rosto e corpo virados para o céu. Não tem estrelas sobre ela, apenas a luz dos flashes.

CURIOSIDADE, NELSON KENTON 1954

Abaixada na posição animal Euza posicionou seu rosto sobre o chão frio da sala e pôs se a procurar. Lindamente vestida com um vestido de festa da cor vinho, mesmo tom do piso onde ela cuidadosamente tentava não se sujar. Seus olhos fixos sobre o horizonte do piso vasculharam até onde conseguia acompanhar. Seu rosto não demonstrava felicidade. Os olhos totalmente abertos e os lábios flexionados.

OS FUZILAMENTOS, FRANCISCO GOYA, 03 DE MAIO DE 1808

O sangue ainda molha o chão. Muito sangue. Nessa noite negra, só uma lamparina foi deixada para trás, como se desse para passar por ali sem sentir aquele cheiro de sangue fresco. Muito sangue. Qual animal teria feito isso, um lobo talvez, e qual foi a vítima, ovelhas, galinhas? Não, galinhas não. Não tem penas, quando se mata galinha sobram penas. A frente só escuridão. Não tem luz na próxima cidade.

A VILA AMALDIÇOADA

A vila está toda devastada, carros nas ruas abandonados, casas saqueadas e pegando fogo, por todo lado gritos de socorro, a noite é cruel.

O dia amanhece, o sol está forte no céu, uma casa com as janelas quebradas chama atenção em uma rua sem saída. De repente, se ouve um grito de mulher e um homem chuta a porta saindo para o lado de fora da área. Ele é Carlos um sobrevivente da epidemia que vem destruindo tudo. Ele tem trinta anos de idade, barba longa, cabelos grandes e está armado com uma espingarda.

CARLOS

Não se preocupe meu amor, eu vou achar quem fez isso.

Lá dentro da casa sua esposa chora sobre o corpo de sua filha todo deformado pela epidemia.

MARIA
(GRITANDO)

Carlos, por favor me ajude carlos. Não faça besteira homem, você não sabe se foram eles.

Carlos, armado começa a andar e vai em direção a casa de seu vizinho Fernando, tem dois carros velhos tampando a entrada da casa dele.

CARLOS

Fernando chama os meninos, vamos caçar aqueles doentes que passaram essa desgraça para minha filha, ela morreu cara.

FERNANDO

Cara, sinto muito!

Fernando tem um facão na cintura, usa botas de couro e uma proteção parecida com uma armadura feita de plástico. Ele grama seus filhos, João e Fernando Jr e sai com Carlos em direção ao centro da vila.

CARLOS
(GRITANDO)

Eles mataram minha filha, mataram minha princesa, eu quero justiça.

Eles seguem andando e mais pessoas vão se juntando, a maioria homens e crianças. Jovens também armados de pedaços de pau, metais, facas e armas de fogo.

FERNANDO
(FALA BAIXO)

OH Carlos, você tem certeza que são eles que estão envenenando a vila? Olha lá homem, não vamos fazer besteira, já tem muita gente aqui, não vamos conseguir controlar essas pessoas homem!

CARLOS
(FALA ALTO)

Nós não vamos matar ninguém Fernando, calma, só quero conversar com eles. Aqueles estranhos vivem defendendo o fechamento da vila, eu quero saber o'que eles ganham com isso, eu quero ouvir da boca daqueles velhos.

No caminho muito barulho e mais pessoas se juntando ao grupo indo em direção a saída da vila.

ZÉ CLÁUDIO

Espero que dessa vez você tenha provas, não quero ver homens morrendo sem provas, está me ouvindo?

CARLOS

Sim delegado.

O sol já está baixo sinalizando que o fim do dia está próximo quando eles chegam nas casinhas da entrada da vila. São quatro casas pequenas, um cheio de pobre envolve o ambiente com animais mortos e muitos objetos no chão simbolizando um ritual.

GRITOS

CLAUDIO
(GRITANDO)

Saia para fora suas bestas, eu quero ver vocês suas criaturas.

A multidão gritando começa a apedrejar as casas e acendem tochas com fogo. A noite está se aproximando e todos estão eufóricos clamando sangue.

A porta se abre e saem Um homem e seus dois filhos de uma casa, duas mulheres de outra, mais um casal da terceira casa e na última um casal mais 4 filhos, nem um infectado com a doença.

SR LUCAS
(SÉRIO)

O que todos vocês querem na minha propriedade?

As pessoas gritam zombando e manda ele calar a boca.

CARLOS
(GRITANDO)

Vocês são os responsáveis por essa doença que se espalhou em nossa vila, minha filha foi mais uma vítima e você tem que pagar. Assuma logo que isso teve início aqui...

SR LUCAS

Carlos eu gostava muito de sua filha, nunca desejei o mal para ninguém desta vila. Não é porque eu penso diferente de vocês que eu quero o seu mal. Eu...

Uma pedra é acertada na cabeça do Sr Lucas que entra para dentro de sua casa enquanto o povo tenta invadir. As outras pessoas que moram no lugar fogem para dentro de suas casas e se trançam. O povo fecha as janelas e portas por fora e coloca fogo nas casas.

Os gritos são abafados com as pessoas do lado de fora gritando mais alto. Logo começam a ir embora um por um, só restando Carlos seu vizinho e os filhos.

FERNANDO

Vamos embora Carlos, já fez a sua justiça

CARLOS

Isso não é justiça

Começa a chorar agarrado a sua espingarda. Fernando vai embora e chama seu amigo. Todos vão embora e as casas continuam pegando fogo.